

SOBERANIA HIPOTECADA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 10.03.1981

Fala-se muito na dependência do Brasil em relação às empresas multinacionais. E de fato essa dependência existe, especialmente na medida em que elas detêm um monopólio tecnológico, que evitam transferir para os países subdesenvolvidos de todas as formas possíveis. Mas em compensação as empresas multinacionais industriais têm fábricas instaladas no Brasil. Se a economia brasileira tiver um mau desempenho elas também sofrerão. E não poderão colocar suas fábricas nas costas e transportá-las para seus países de origem. O capital das multinacionais industriais pode provocar e de fato provoca distorções na economia brasileira, mas nela está integrado.

Muito diferente é o caso do capital bancário internacional. Para o Brasil o imperialismo mais perigoso provém daí. Emprestaram-nos dinheiro à larga, em troca de juros polpudos, e agora querem impor suas condições para continuar a nos emprestar. Advogam uma política econômica ortodoxa, recessiva, e, é preciso admitir que ganharam o primeiro “round”.

O governo brasileiro acovardou-se, cedeu às pressões do capital bancário internacional, e o resultado é que caminhamos a passos largos no sentido da recessão. Não é apenas na indústria automobilística que os desemprego aumenta. Nesse setor e no de eletrodomésticos a situação talvez seja a mais grave. A elevação violenta das taxas de juros teve um efeito direto sobre as vendas a prazo. Mas há indicações de que o fenômeno é mais generalizado.

Esta situação deriva diretamente da guinada em direção a uma política econômica ortodoxa dada pelo governo em novembro último. A elevação das taxas de juros para níveis inacreditáveis, acompanhada e agravada pelas limitações quantitativas ao crédito, refletiu-se na queda do consumo e dos investimentos e, como era de se esperar, no aumento de inflação, apesar de a teoria monetária afirmar o contrário.

Desde o segundo semestre de 1980 os bancários internacionais, preocupados com a segurança dos seus empréstimos e desinteressados do desenvolvimento do Brasil, pressionavam por uma política econômica recessionista. E pressionavam também por um “spread” maior, ou seja, queriam uma diferença maior entre a taxa de juros internacional e aquela que o Brasil paga. Conseguiram as duas coisas a agora as notícias que nos chegam são de que não existe problema em financiar o déficit do nosso balanço de pagamento neste ano. Os banqueiros internacionais, sem saber o que fazer com tanto petrodólar, estão nos emprestando sem dificuldades. Pararam de ameaçar.

O preço, entretanto, foi alto. Não apenas pagamos taxas de juros maiores, mas, mais uma vez, o governo hipotecou nossa soberania. Foi medroso, cedeu às ameaças dos banqueiros internacionais. Quem pagará são os desempregados e as empresas falidas ou em dificuldades. Até que abandonemos essa política econômica desastrosa.(10/03)